

Mario Henrique Simonsen e a *RBE*

Clovis de Faro*

1. Introdução

Mario Henrique Simonsen foi, indubitavelmente, como reconhecido em diversas homenagens que lhe foram prestadas, uma figura ímpar. Seja como aluno, como estudioso e professor, como autor de trabalhos de cunho acadêmico e de divulgação popular, como homem público e como amante e profundo conhecedor de óperas, sua marca foi sempre a da excepcionalidade. Em particular, sua contribuição como colaborador da *Revista Brasileira de Economia*, tanto como membro do seu corpo diretivo quanto como autor, faz muito mais do que merecida, como procurarei aqui destacar, a dedicação que lhe é feita através da organização deste número especial.

Como editor da *RBE*, posição que, a seu convite, tive a honra de ocupar durante o período compreendido entre outubro de 1988 a outubro de 1997, posso bem atestar o quanto foi importante, e mesmo fundamental, sua contribuição. Mais de uma vez, não contando com um fluxo de artigos de qualidade, suficientes para sustentar a periodicidade da revista, contei com a pronta colaboração da prodigiosa capacidade produtiva de Simonsen. Naquelas horas de aperto, o que certamente aconteceu também com meus antecessores, bastava pedir ajuda ao realmente, e com “G” maiúsculo, grande mestre. Sem tardança, aparecia um artigo seu, sempre da melhor qualidade, para completar o número.

Também não se fazia de rogado quando solicitado como parecerista. Esta tarefa, tradicionalmente vista como um “abacaxi” pela comunidade acadêmica, era enfrentada com bom humor e com presteza. Nunca precisei cobrar-lhe prazos. Aceita a solicitação, seu parecer, sempre elucidativo, estava pronto a tempo e a hora.

Na organização deste número especial, fazendo uma revisão da sua atuação como membro do Conselho Editorial da *RBE*, o que aparece na segunda seção, e dos artigos que publicou, que são listados na terceira seção, deparei-me com um trabalho de Peláez¹ que é oportuno ser aqui destacado. Já em 1972, e portanto com a grande vantagem de fazer elogios a um Mario Henrique Simonsen em pleno vigor, e que viria a se superar, escrevia Peláez:

“Numa perspectiva histórica do desenvolvimento do pensamento econômico no Brasil, há uma figura a quem todos olhamos com veneração e respeito, o professor Mario Henrique Simonsen. É impossível encontrar elogio para seu trabalho, que tem sido sempre uma obra de virtuoso. Rara vez, no Brasil, a natureza foi tão pródiga para um só indivíduo: primeiro aluno de sua classe, professor inspirado, lógico de

*Professor da Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas.

¹Peléez, Carlos Manuel. Mario Henrique Simonsen e o passado recente e o futuro do Brasil: políticas para o crescimento equilibrado. *Revista Brasileira de Economia*, 26(2):33-44, abr./jun. 1972.

pensamento altamente elegante, financista bem-sucedido e economista dos economistas.”

Elogio formidável. Mas insuficiente quando se considera o que Mario Henrique Simonsen veio ainda a produzir nos anos subseqüentes.

2. A Contribuição como Dirigente

Tendo ingressado nos quadros da Fundação Getúlio Vargas em 1961, como professor do Curso de Aperfeiçoamento de Economistas (CAE), do Instituto Brasileiro de Economia (IBRE), Simonsen integrou o Conselho Consultivo da *RBE*, então subordinada ao IBRE, cobrindo todos os números que foram publicados no período 1961-63.

Em face de reformulações na direção da *RBE*, com a extinção do Conselho Consultivo, só volta a participar diretamente em 1972, como membro da Comissão Diretora, cargo em que permaneceu até 1986. A par disto, integrou também o Conselho Editorial da revista.

Em 1987, ano em que a *RBE* veio a ficar subordinada à Escola de Pós-Graduação em Economia (EPGE), passa a ser o diretor da revista, posição que ocupou até a reformulação ocorrida no final de 1993, que extinguiu o cargo.

3. A Contribuição como Autor

Em termos de páginas publicadas, onde sempre esteve presente sua extraordinária capacidade de exposição, sua produção foi assombrosa. Seus 23 artigos perfazem um total de 691 páginas. Com estas, mesmo destacando-se as 164 referentes ao número 2 do volume 38, totalmente dedicado à sua monumental análise sobre Marx, poderíamos preencher ainda mais dois números usuais da *RBE*.

Em ordem cronológica de publicação, tem-se a seguinte seqüência de artigos:

1962 – A indústria e o plano trienal, *16*(4):131-7.

– Transporte e inflação: um estudo da formulação irracional de política no Brasil, em co-autoria com Werner Baer e Isaac Kerstenetzky, *16*(4):159-74.

1963 – Salários, dualismo e desemprego estrutural, *17*(4):27-75.

1964 – A Lei de Say e o efeito liquidez real, *18*(1):41-66.

1966 – Análise econômica e escolha envolvendo risco, *20*(2/3):135-68.

– O ensino de economia em nível de pós-graduação no Brasil, *20*(4):19-30.

1972 – O modelo da realimentação inflacionária e as experiências de estabilização, *26*(4):227-40.

1974 – A força de trabalho no Brasil, *28*(4):29-45.

- 1976 – Comentários, 30(1):32-39.
- 1980 – Teoria econômica e expectativas racionais, 34(4):455-96.
- 1981 – Aversão ao risco e rigidez salarial, 35(1):3-16.
 – A dinâmica da inflação com expectativas adaptativas, 35(3):223-49.
- 1984 – Escolha envolvendo risco: duas aplicações no mercado de títulos, em co-autoria com Clovis de Faro, 38(3):167-82.
 – Número Especial sobre Marx e a revolução de Von Neumann, 38(2), nº completo.
- 1986 – Um paradoxo em expectativas racionais, 40(1):9-17.
 – Cinquenta anos de teoria geral do emprego, 40(4):301-34.
- 1987 – Estabilização da inflação com o apoio de políticas de rendas – um exame da experiência na Argentina, Brasil e Israel, em co-autoria com Rudiger Dornbusch, 41(1):3-50.
- 1989 – Macroeconomia e teoria dos jogos, 43(3):315-71.
- 1990 – O problema da dívida externa dos países em desenvolvimento: uma análise via teoria dos jogos, em co-autoria com Sérgio Ribeiro da Costa Werlang, 44(3):457-83.
- 1991 – Poupança e crescimento econômico, 45(1):3-38.
 – Isaac Kerstenetzky: *in memoriam*, 45(3):339-44.
 – Aspectos técnicos do Plano Collor, 45:113-28 (nº especial).
- 1992 – Cinquenta anos de IS-LM, 46(1):7-23.

4. A Organização deste Número Especial

Na qualidade de editor convidado, coube-me o privilégio, o que não mitiga o pesar pela perda irreparável, de organizar este número especial de homenagem a Mario Henrique Simonsen. Em sendo a *RBE* de responsabilidade da EPGE, instituição criada por Mario Henrique Simonsen e à qual sempre privilegiou com o máximo de seu talento como professor, busquei estruturar este número especial com contribuições de alguns de seus alunos mais representativos. Deixando livre o tema, e mesmo o caráter da contribuição, que poderia ser de cunho não-acadêmico, são aqui reunidos artigos dos seguintes ex-alunos da EPGE, em ordem alfabética: Alkimar R. Moura, Carlos Ivan Simonsen Leal, Claudio de Moura Castro (em co-autoria com Marcelo Cabral), Fernando de Holanda Barbosa, José L. Carvalho (em co-autoria com o também ex-aluno Waldir Lobão), José Tavares de Araujo Jr., Lauro Vieira de Faria, Luiz Guilherme Schymura (em co-autoria com o professor das primeiras horas da EPGE e colaborador próximo de Simonsen, Augusto Jefferson Lemos), Marcio Ronci, Rubens Penha Cysne e Sergio Ribeiro da Costa Werlang.

Adicionalmente, como exemplos de dois expoentes como homens públicos, com marcante participação em nossa história econômica, e com quem Simonsen teve a oportunidade de atuar como colaborador, no caso de Roberto Campos, e como colega de ministério e também como professor e ex-aluno da EPGE, no caso de João Paulo dos Reis Velloso, temos a participação de dois ex-ocupantes do cargo de ministro do Planejamento.

Assim, começando com a apresentação de Carlos Ivan, seguida das colaborações especiais de Campos e Velloso, e dos artigos de seus discípulos, este número especial da *RBE* deve ser entendido como uma homenagem que a EPGE presta àquele que, sem dúvida, foi o seu Mestre.